

MEMÓRIA DE SANTO: 15 ANOS DE TRAJETÓRIA DO TERREIRO DE UMBANDA “JUNCO VERDE” EM ITAJAÍ – SC

Rodrigues, Daniel Vasconcelos*

RESUMO: Por meio desta pesquisa, registrou-se a existência da Umbanda na cidade de Itajaí (SC) no Terreiro do Caboclo Junco Verde que mantém uma ligação direta com o primeiro terreiro de Santa Catarina, conhecido como Tenda Espírita de Umbanda São Jorge, da Mãe Malvina. Para a coleta de dados, foram realizadas pesquisas bibliográficas e entrevista, de forma a abordar sua trajetória até os dias atuais. Por intermédio da História oral, procurou-se dar visibilidade a essa temática pouco abordada pela historiografia local. Este trabalho, além de contribuir no preenchimento de uma lacuna existente na história religiosa da Umbanda em Itajaí, pode incentivar outros pesquisadores ou adeptos a “levantar” os registros históricos de seus terreiros.

PALAVRAS-CHAVE: Umbanda. Trajetória. Religião.

ABSTRACT: Through this research, we registered the existence of Umbanda in the city of Itajaí (SC) in the *Terreiro do Caboclo Junco Verde* (Ritual place of the *Caboclo Junco Verde*), which maintains a direct connection with the first ritual place of Santa Catarina, known as the Spiritist Tent of Umbanda São Jorge of Mother Malvina. For data collection, bibliographical research and an interview were carried out, in order to approach its trajectory to the present day. Through oral history, it was sought to give visibility to this theme, rarely discussed by local historiography. This work, besides contributing to fill a gap in the religious history of Umbanda in Itajaí, may encourage other researchers or adepts to ‘raise’ the historical records of their ritual places.

KEYWORDS : Umbanda. Itajaí. Trajectory .

1 INTRODUÇÃO

Tributária de uma interação entre a religiosidade praticada pelos escravos e afrodescendentes e do espiritismo kardecista, a Umbanda tem sua origem no início do Século XX e conta com uma quantidade significativa de adeptos e terreiros. Em Itajaí, (SC)¹, não é diferente. Contudo, a historiografia local apresenta um grande lapso nesse sentido, já que não foram encontrados estudos sobre o assunto. Isso nos provocou a pesquisar parte dessa trajetória.

Tomamos como objeto de pesquisa o Terreiro do Caboclo Junco Verde, que procura manter de forma fiel sua tradição, apesar das implicações sociais, as quais Ortiz (1999, p. 21) chama de “[...] o problema da sobrevivência e da metamorfose das crenças e costumes africanos”.

2. A PESQUISA: TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Ao utilizarmos fontes orais como metodologia de pesquisa, valemo-nos de Selau que nos diz que:

A utilização de fontes orais permite construir um discurso de interpretação histórica mais completo, mais rico e mais complexo. Para o autor, utilizar fontes orais possibilita desenvolver abordagens diferentes em história, incorporando novos sujeitos e ampliando as possibilidades de pesquisa. (SELAU, 2004, p. 217).

Dessa forma, a história oral permite que, ao rememorar, o(a) entrevistado(a) também dá sentido às suas vivências, de forma a interpretar o passado pelo presente.

As fontes orais possibilitam perceber a construção que a pessoa faz do que ocorreu no passado, tendo por referência fatos armazenados na sua memória. Para Vygotsky (1989), o processo da memorização mediada por signos, símbolos, conectado

* Acadêmico do curso de História, pesquisador do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro - NEAB Univali, onde parte desta pesquisa foi realizada e bolsista de Iniciação da Docência – Pibid.

¹ Itajaí está localizada no litoral norte de Santa Catarina, a 100 km de Florianópolis.

a outras funções psicológicas superiores, produz a memória seletiva, de modo que as experiências significativas, compostas por acontecimentos, espaços no convívio com determinado grupo, marcam o passado e abrem-se no presente. Para Selau (2004), a pessoa incorpora as narrativas do coletivo ao qual pertence. Selau (2004) evidencia, ainda, que a utilização das fontes orais permite adentrar em fatos históricos vivenciados por grupos sociais, até então suprimidos pela história oficial, descrita pelos vencedores.

Esta pesquisa foi realizada a partir de uma perspectiva qualitativa. Ludke e André (1986) apontam que a metodologia qualitativa dá a possibilidade de um melhor aprofundamento na análise crítica dos elementos que compõem o cotidiano.

Uma entrevista foi realizada na casa de um pai de santo do Terreiro do Caboclo Junco Verde em Itajaí (SC). Foi utilizado um questionário semiestruturado. Para Ludke e André (1986), a entrevista semiestruturada é um instrumento flexível. “A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 33-34).

A história da trajetória do pai de santo e do Terreiro Junco Verde foram o objeto da entrevista que respeitou a metodologia da história oral, tendo sido transcrita na íntegra com detalhes. Após o processo de transcrição, ela foi analisada na busca de uma apreensão dos significados, a fim de extrair o sentido a partir do discurso do sujeito participante, nesse caso o pai de santo e seu terreiro.

3. FORMAÇÃO DA UMBANDA

Muitos cultos religiosos têm sido praticados no decorrer da formação histórica do Brasil. No processo de evangelização de outros povos, imposto pela Igreja católica e promovido pelos Jesuítas, o Kardecismo, segundo Ortiz (1999), apareceu no fim do século XIX com “[...] a penetração do espiritismo nas classes baixas brasileiras” (ORTIZ, 1999, p. 34). Ortiz chama esse processo de “o movimento de embranquecimento”.

Já Roger Bastide (*apud* ORTIZ, 1999) pesquisou o processo de marginalização dos estrangeiros em São Paulo. O autor mostra o quanto é forte a tendência das

classes, como o negro e o imigrante, voltarem-se às práticas supersticiosas. O espiritismo atinge-os também (ORTIZ, 1999), além de cultos indígenas que, há muito tempo, já se praticava, a exemplo do Toré, Pajelança e Kwarup.

Com a vinda de africanos como mão de obra escrava, os cultos nativos europeus e africanos sofreram influências, dando origem ao culto de cunho afro-brasileiro, como o Candomblé. Conseqüentemente, houve um processo de sincretismo com cultos afros, indígenas e europeus, entre eles cultos religiosos que procuravam de qualquer forma um culto livre as suas crenças. Assim, formaram-se outros agrupamentos, como a *Aumbanda*, ou, simplesmente, Umbanda, como hoje é conhecida e suas vertentes: Umbanda sertaneja, Candomblé de Caboclo, Omolocô, Quimbanda ou Catimbó.

Esse sincretismo étnico-religioso, ao invés de invocar predominantemente seus orixás, como as demais nações de Candomblé, faziam sessões falando com seus “mortos”, inclusive com participação de Índios nos transes, os famosos caboclos brasileiros.

4. UMBANDA, CONSEQUÊNCIA DE UM CONTEXTO SOCIOECONÔMICO-POLÍTICO

Entre o final do século XIX e o início do século XX, ocorreram mudanças importantes no contexto socioeconômico brasileiro, como a Abolição da escravatura, resultada da crise colonial sucedida da Declaração da Independência em 1822; a proibição do tráfico em 1850; a Lei Rio Branco em 1871, que concedia a liberdade aos filhos de escravos nascidos a partir daquela data; a Lei Dantas, que libertou os escravos de mais de 60 anos. Foram medidas que levaram à crise colonial. “Em 1872, numa população de 9.930.478 habitantes, 1.510.000 eram escravos, isto é, 15,2% da comunidade brasileira. A abolição nada mais foi portanto do que o reconhecimento legal de uma realidade social” (ORTIZ, 1999, p. 23). Ortiz constata que:

A abolição terá, por conseguinte, uma influência importante no plano econômico: liberando uma massa de capital que se encontrava imobilizada na pessoa do escravo, a sociedade passa a dispor deste capital para investi-lo na

indústria nascente. Além dos fatores econômicos, outros ainda, de caráter legal precipitaram a crise do sistema escravocrata. (ORTIZ, 1999, p. 23).

Em meio às transformações socioeconômicas que indicavam a passagem de uma estrutura escravista para um sistema capitalista, a data de 15 de novembro de 1908 é considerada, por alguns historiadores, o marco histórico efetivo e, por outros, o mito fundador da Umbanda, no Rio de Janeiro, transmitido por Zélio de Moraes – por meio do caboclo que se denominou das Sete Encruzilhadas, uma entidade com a missão de organizar aqueles cultos aos “espíritos mortos”.

Zélio Fernandino de Moraes, um jovem com 17 anos de idade, começou a sofrer estranhos “ataques”. O rapaz recebeu, assim, a manifestação de um caboclo que se denominou das Sete Encruzilhadas. “[...] pois para mim não existirão caminhos fechados. Venho trazer a Umbanda, uma religião que harmonizará as famílias e que há de perdurar até o final dos séculos” (RONTON, 1989, p. 10).

Ele comunicou, então, à federação espírita de Niterói que, a partir daquele instante, passaria a operar no Brasil um “novo tipo de espiritismo” que se chamaria Umbanda. E que essa “[...] nova religião trabalharia preferentemente com índios, caboclos e orixás por causa do magnetismo do nosso povo” (RONTON, 1989, p. 10).

Vim fundar a Umbanda no Brasil, aqui inicia-se um novo culto em que os escravos de preto-velhos e africanos e os nativos de nossa terra, poderão trabalhar em benefício dos seus irmãos encarnados, qualquer que seja a cor, raça, credo ou posição social. A prática da caridade no sentido do amor fraterno, será a característica principal deste culto. (RONTON, 1989, p. 12).

Essa foi considerada a primeira manifestação de Umbanda com influência Kardecista, sem atabaques² nem toque de palmas. Após esse fenômeno, considerado a primeira manifestação de Umbanda, Ortiz (1999) analisa o que foi chamado de “movimento inverso” ou “movimento de empretecimento”.

Sabe-se que Benjamim Figueiredo, contador, neto de franceses, foi um dos primeiros Kardecistas a iniciar o movimento de empretecimento. A avó trouxe o Kardecismo da França, o que faz com que ele inicie sua vida religiosa [...]. (ORTIZ, 1999, p. 41).

² O **atabaque** é um instrumento musical (tambor) que chegou ao Brasil por meio dos escravos africanos. É usado em quase todo ritual afro-brasileiro.

Acontece no entanto que Benjamim recebe o espírito do Caboclo Mirim, índio brasileiro, o que lhe impossibilita de continuar seu trabalho com os Kardecistas, que recusam esse gênero de espírito por considerá-lo por demais impuro para desenvolver o progresso da humanidade. (ORTIZ, 1999, p. 41).

Segundo Ortiz (1999), entre 1930 e 1937, o Caboclo das Sete Encruzilhadas recebeu ordens do astral superior para fundar sete tendas para a propagação da Umbanda. As agremiações ganharam os seguintes nomes: Tenda Espírita Nossa São Pedro da Praça; Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição; Tenda Espírita Santa Bárbara; Tenda Espírita São Pedro; Tenda Espírita Oxalá; Tenda Espírita São Jorge; e Tenda Espírita São Gerônimo.

A Umbanda aparece como religião em meio a um contexto em que o Espiritismo não permitia a manifestação de índios ou negros nas suas seções, a não ser para serem doutrinados, porque se acreditava que estes eram espíritos extremamente ignorantes.

Partindo disso, podemos analisar uma variação de dados fornecidos pelos pesquisadores em relação ao período de fundação das primeiras tendas. Ronton (1989) acredita que a fundação da Umbanda se deu por Zélio de Moraes na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade em meados da década de 1920, seguida, então, pelas demais. O autor trata esse período como uma data oficial ou “mito de origem” (BROWN, 1985).

Cabe citar o trabalho de André de Oliveira Pinheiro (2009), em sua dissertação intitulada *Revista Espiritual de Umbanda: mito fundador, tradição e tensões no campo umbandista*. Ao analisar o tema, o autor relata a noção de “mito fundador”, afirmando que: “A data da primeira manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas passou a ser aceita pela maioria dos umbandistas como o marco inicial da nova religião corroborando a idéia de ‘mito de origem’” (PINHEIRO, 2009, p. 39-40, grifo do autor).

O chamado “mito de origem”, ou seja, fundação da Umbanda, é uma expressão cunhada por Brown (1985), utilizada, após, por muitos dos estudiosos da Umbanda quando se referem à história da religião, a exemplo de Giumbelli (2002).

Ortiz (1999), por outro lado, afirma que tais acontecimentos ocorreram durante a década de 1930. Segundo o autor: “A Umbanda não é uma religião do tipo messiânico, que tem uma origem bem determinada na pessoa do messias, pelo contrário, ela é fruto

das mudanças sociais [...]” (ORTIZ, 1999, p. 32). Essa religião seria então, na visão de Ortiz (1999), um produto das transformações ocorridas da sociedade urbano-industrial, em um determinado período no contexto da sociedade brasileira.

Como podemos perceber, o aspecto levantado por Ortiz, nesse processo das transformações para a consolidação da Umbanda como religião da sociedade urbano-industrial, é a dialética entre social e cultural. O autor observa que o social desempenha um papel determinante nesse processo. Ele analisa as transformações chamadas de “Movimento de embranquecimento” e “Movimento de empretecimento” na formação da Umbanda e constata que não se limita somente ao Rio de Janeiro.

Apesar de a progressão do processo de empretecimento ser mais acentuada no Rio de Janeiro, ela não se restringe somente a esta região. Em 1926, Otacilio Charão, após uma estadia de dez anos na África, volta ao Rio Grande e abre o Centro Espírita Reino de São Jorge, onde recebe como médiuns os espíritos do preto-velho Girassol e do caboclo Vira Mundo. (ORTIZ, 1999, p. 42).

O fenômeno, a origem e a formação da Umbanda, verificado no Rio de Janeiro, começou a ganhar contornos nacionais a partir do momento em que outros Centros Espíritas foram fundados nas mais variadas regiões do país, resultado do processo de transformação social e econômica vivenciado em toda a nação.

Em 1932, Laudelino de Souza Gomes, oficial da marinha mercante, funda em porto Alegre a congregação Franciscana da Umbanda. Este centro “praticava o ritual umbandista a seu modo, declarando que seguia o ritual umbandista semiromba tendo como patrono do centro São Francisco de Assis, como continua até hoje. (ORTIZ, 1999, p. 43).

5. OS PRIMEIROS TERREIROS DE UMBANDA EM FLORIANÓPOLIS.

O marco inicial da Umbanda, na região da grande Florianópolis, foi em 1947, com o Terreiro da Mãe Malvina (TRAMONTE, 2001). De acordo com a autora, “[...] foi não somente pioneira como o mais importante terreiro da região” (TRAMONTE, 2001, p. 74). Podemos perceber, assim, o quão antiga é a tradição das religiões afro-brasileiras no litoral de Santa Catarina. Tramonte (2001) demonstra isso ao indicar, em seu trabalho, como todo o litoral do estado já possuía manifestações religiosas afro-brasileiras ao relatar a ligação entre Itajaí e Florianópolis. Segundo a autora: “A

primeira mãe de santo de Florianópolis nasceu em 14 de setembro de 1910 em Itajaí. Foi tecelã e artesã, e somente próximo aos seus 30 anos começa a sentir sua mediunidade” (TRAMONTE, 2001, p. 76).

Tramonte (2001) cita, em sua tese, que duas médiuns da época, Dona Didi e Dona Clarinda, já possuíam, na década de 1940, um local onde reuniam médiuns umbandistas. Contudo, a autora afirma, em entrevista feita com Mãe Juraci, filha e sucessora de Mãe Malvina, que, “[...] até a chegada de mãe Malvina ninguém conhecia a Umbanda em Florianópolis devido a ausência dos ‘toques’ de atabaques naqueles locais” (TRAMONTE, 2001, p. 53, grifo da autora).

Antes da chegada da Mãe Malvina em Florianópolis, por conta de terem receio da repressão policial e confrontos com a vizinhança, a Umbanda não era praticada. Segundo Alves e Barbara (2009, p. 70): “Os negros que conseguiram ascensão social na sociedade Industrial procuraram desvincular-se da macumba”. Em busca de não sofrer retaliações pelo preconceito da época, muitos negros aproximaram-se de outras religiões, principalmente da doutrina Kardecista que era melhor aceita na sociedade.

Ortiz relata que houve “um embranquecimento da alma”, e que, com a ascensão do mestiço e do bacharel, foi também o embranquecimento do mulato. “A ideologia do embranquecimento penetra pois a camada mulata dos intelectuais” (ORTIZ, 1999, p. 24). “O bacharel é pois o protagonista do movimento de ascensão social do mulato; assim, seu interesse pelas crenças africanas, quando existe, vai menos no sentido de conservá-las do que de desafricanizá-las” (ORTIZ, 1999, p. 24).

6. A UMBANDA EM ITAJAÍ

A cidade de Itajaí, em Santa Catarina, é o maior centro pesqueiro e principal exportador de produtos congelados do Brasil. O município concilia as atividades portuárias, petrolíferas, comercial e Universitária em um vasto litoral conhecido como Verde-mar, local muito propício para cultos afro-brasileiros. As marcas dessa influência estão vivas nos costumes e nas histórias, como no caso do recanto negro, lembrado no

livro *Negros em Itajaí – da invisibilidade à visibilidade: mais de 150 anos de história*, de autoria dos professores itajaienses José Bento Rosa da Silva e Moacir da Costa.

Rosa (2010), em seu artigo *Memórias de um quilombo urbano: Itajaí-SC*, relata um território negro em Itajaí, que, até o final da década de 1960, fora denominado pela população como local de morada dos negros.

Do terreiro da mãe Malvina, em Florianópolis, espalharam-se filhos de santos por todo o Vale do Itajaí. Há, dessa forma, uma grande quantidade de casas de culto à Umbanda, religião considerada afro-brasileira, que se formou do sincretismo das religiões africanas, católicas, indígenas, do espiritismo ou Kardecista e teosofismo oriental.

Na Umbanda de Itajaí, são cultuadas as sete linhas da Umbanda: Oxalá, Ogum, Oxossi, Xangô, Iansã, Iemanjá, e a linhas das almas, junto a Exus e Pombajiras, também conhecida como linha de esquerda ou linha cruzada. Em alguns casos, também são cultuadas a “linha ou povo do oriente”, hoje quase em extinção, pois pouco se houve falar de médium incorporando entidades como os ciganos, por exemplo, povo mais comum de ver trabalhado em alguns terreiros.

Eles trabalham na linha de esquerda (linha de EXU) ou “A linha cruzada”. Em Itajaí (SC), a maioria dos terreiros de Umbanda procura seguir a “Tradicional Umbanda”, e, nos dias de “arriada”, dizem que “é dia de trabalhar com Exu e Pomba Gira”. Eles trabalham, assim, com a linha do oriente³ e, conseqüentemente, com os ciganos.

Nos terreiros de Umbanda também são trabalhadas as seguintes entidades: Caboclos (Índios brasileiros), Preto Velho, Preta Velha, Boiadeiro, Malandros, Pomba Gira, Baianos, que se encarregam das consultas, dos passes, das receitas de banhos de ervas etc., e crianças também (Ibeji, Erê). Nesse caso, os praticantes costumam levar muitos doces e refrigerantes para dar às crianças.

7. TERREIRO CABOCLO JUNCO VERDE

³ A **Linha do Oriente** é dividida em 7 falanges e composta, em sua maioria, por entidades de origem oriental. É nessa **linha** que se encontram as falanges dos hindus, árabes, japoneses, chineses, mongóis, egípcios romanos, etc.

Aos 61 anos, 15 anos de Pai de Santo e 43 anos trabalhando como médium, Ernani José Matheus conhecido com Pai Ernani, diz munir-se de muita fé para manter o [trabalho](#) que desenvolve no “Terreiro Caboclo Junco Verde”, localizado no bairro Promorar, em Itajaí (SC). As Giras abertas⁴ acontecem todas as semanas às quintas-feiras. O ritual é marcado pelo toque dos atabaques. Durante a gira, são invocadas todas as sete correntes da Umbanda em pontos cantados.

O Terreiro Caboclo Junco Verde foi fundado por Ernani José Matheus, em 15 de maio de 2001. Ele pratica a Umbanda iniciada pela mãe Malvina em Florianópolis, mantendo as mesmas premissas, a obediência aos espíritos, o respeito à natureza e ao livre arbítrio.

Pai Ernani [conta](#) que começou a participar de cultos afro-brasileiros aos 19 anos de idade. Contudo, antes disso, durante 5 anos, ele frequentou centros espíritas Kardecistas, pois, há um certo tempo, sentia sua mediunidade. Motivado pela procura de melhoria em sua saúde, ele frequentava os trabalhos de mesa⁵. Aos 17 anos de idade, durante os rituais de desobsessão, ele revela ter recebido o Caboclo Junco Verde:

[...] como Caboclo já era doutrinado queria mesmo era praticar sua missão. Comecei na faixa de 18 anos mais ou menos, né, na Umbanda, até hoje sou adepto da minha religião. Antes da Umbanda, eu passei pelo Kardec, que adoro, uma religião que abre muito a mente, ela esclarece muitas coisas, gosto muito do Kardec, mas tive que trabalhar na Umbanda, porque, quando o caboclo começou a se manifestar, com a graça de Deus, eu estou cumprindo minha missão, porque ele queria que eu trabalhasse com ele, porque mais tarde eu seria um pai de santo por que eu ia montar um terreiro pra mim. (Pai Ernani, em entrevista, 10 de maio de 2016).

⁴ Gira aberta, **Gira** ou **Jira** (no idioma quimbundo *nijra*, caminho)¹, na Umbanda, é a reunião, ou agrupamento, de vários espíritos de uma determinada categoria, que se manifestam por meio da incorporação nos médiuns. Existem giras para as determinadas linha da umbanda, podendo ela ser uma **gira aberta**, em que se atende a população, conhecida como assistência; e a gira de estudo e desenvolvimento, conhecida como **gira fechada**, a qual é fechada ao público. (BARBOSA JÚNIOR, 2014).

⁵ A “mesa” em si é um objeto indispensável nas sessões uma vez que serve de apoio e contato material para os trabalhos de um modo em geral. É em volta da “mesa” que os médiuns se reúnem para uma sessão; é a partir dela que é realizado um estudo, uma preleção, uma consulta ou uma comunicação mediúnica; é através dela, ainda, que os médiuns realizam seus trabalhos e é sobre ela que são colocadas as oferendas; é, enfim, por meio de uma mesa, que se faz o desenvolvimento e a aplicação da mediunidade espiritualista dentre os seus adeptos.

Pai Ernani relata que o primeiro terreiro que frequentou foi o da “Cabocla Laura Cobra Fumante”, nas imediações do bairro Fazenda e Praia Brava, em Itajaí. Lá, ele iniciou suas atividades como médium na Umbanda. Ao falar do preconceito, o médium é enfático: “[...] naquele tempo era muito discriminado na Umbanda, toda vida foi, até hoje é discriminado” (Pai Hernani, em entrevista, 10 de maio de 2016). As religiões de matriz africana de uma maneira geral desde os primórdios tem sido associadas a rituais demoníacos pelas populações euro-descendentes.

Ainda sobre sua trajetória dentro da religião, Pai Hernani narra que, devido a distância, ele começou a frequentar o Terreiro seu Araújo, da Rua Brusque, no centro de Itajaí. Em seguida, ele conheceu a Mãe Cecília. “[...] iniciei ali mesmo e fiquei ali na faixa de 30 anos, foi onde conheci a mãe Malvina e o terreiro dela” (Pai Ernani, em entrevista, 10 de maio de 2016) Ao conhecer a mãe Malvina e o Pai Altamiro, em 2001, ele fez sua coroa de Pai de Santo⁶. “Até as 7 linhas sou Filho da Mãe Cecília. Meu pai de Santo mesmo foi Pai Altamiro. Fiz minha coroa de pai de santo com ele”, disse Pai Ernani, em entrevista para esta pesquisa. Em 15 de maio de 2001, ele abriu seu terreiro – Caboclo Junco Verde - onde ele trabalha com a Umbanda e a Quimbada. O Terreiro localiza-se nos fundos de sua casa. O espaço onde fica a assistência (nome dado para quem visita o terreiro) é formado por cadeiras, um congarr (altar) com imagens de vários santos. Já são 15 anos de atuação atendendo pessoas de várias religiões à procura de consultas.

Ao perguntar sobre o público que frequenta o terreiro, o Pai de Santo lembra que, hoje, sua religião não tem mais cor. A Umbanda é uma religião brasileira, independentemente de etnia ou do credo. Para o entrevistado: “Muitos que criticam já passaram pela Umbanda” (Pai Ernani, 10 de maio 2016). O próprio entrevistado nos inquiriu: “Me diz qual foi a pessoa que não passou pela Umbanda, fez uma consultinha, um baralhozinho, um búzio, ou pelo menos tentou?” (Pai Ernani, 10 de maio 2016). No entanto, ele lembra que a Umbanda que ele mantém não pratica o que ele chama de “consultas com baralho ou búzios”. Segundo ele, isso tem mais ligação com o

⁶ Coroa é o termo usado para definir aquilo que vem acima da cabeça, o Ori ou chakra Coronário.

Candomblé. Além disso, diz não permitir a cobrança por atendimentos, além de não fazer amarrações e adivinhações. Ele afirma que só quem faz consulta é advogado e médico. Dessa forma, ele cultiva e procura manter a Umbanda doutrinada pela Mãe Malvina, a Umbanda de Omolocô, que trabalha com as 7 linhas, sem mistura de outras religiões de nações, como Nagô e Candomblé. “A gente cultiva a Umbanda, a Umbanda que trabalha com as 7 linhas, a linha de Omolocô”, ele nos diz, reafirmando a tradição que procura manter até os dias atuais.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No imaginário popular, podemos encontrar diferentes formas de representação, criadas especialmente para desqualificar, execrar e perseguir as religiões de matriz africana. Nos últimos tempos, motivada por uma crescente onda de conservadorismo, a cruzada da demonização tem atingido de forma cruel e intolerante esses locais de manifestação da fé, em diferentes lugares do Brasil, com relatos de apedrejamento, queima e outros tipos de violência.

No entanto, Itajaí, uma cidade com forte tradição ocidental e cristã, preservar a Umbanda é ir na contramão daquilo que a grande maioria acredita e torna-se uma manifestação de resistência. Pai Ernani é um representante local que busca manter a cultura religiosa que aprendeu com seus mestres religiosos. Ele faz parte, assim, da história da religião umbandista no estado de Santa Catarina.

REFERÊNCIAS:

ALVES, L. M.; BARBARA, S. R. Semelhanças e diferenças: uma análise das correntes Umbandistas a partir de uma cidade interiorana. In: CONGRESSO ANUAL DA SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – Soter, 22., 2009, Paulinas. **Anais eletrônicos...**Paulinas: Soter, 2009. Disponível em: <<http://www.soter.org.br/documentos/documento-t1xF1HqaxcboGYi.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

BARBOSA JÚNIOR, A. **Novo dicionário de Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.

BROWN, D. Uma história da Umbanda no Rio. CADERNOS DO ISER. **Umbanda e Política** (n. 18). Rio de Janeiro: Marco Zero-ISER, 1985. p. 9-42.

GARCEZ, S. L. R. (Aramaty). **Teologia umbandista**: cosmologia e física de alta energia. São Paulo: Ícone, 2001.

GIUMBELLI, E. Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro. In: SILVA, V. G. (Org.) **Caminhos da alma**: memória afro-brasileira. São Paulo: Summus, 2002. p.183-217.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

ORTIZ, R. **A morte branca do feiticeiro negro**: Umbanda e sociedade brasileira. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PINHEIRO, A. de O. **Revista espiritual de Umbanda**: mito fundador, tradição e tensões no campo umbandista. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2009.

RONTON, J. **Sacramentos da Umbanda mística**. São Paulo: Ícone, 1989.

SELAU, M. da S. História oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais. **Esboços**, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. 217-228, 2004.

SILVA, J. B. R. da; COSTA, M. da. **Negros em Itajahy**: da invisibilidade à visibilidade: Mais de 150 anos de história. Itajaí: Casa Aberta, p.89-107,2010.

TRAMONTE, C. **Com a bandeira de Oxalá**: trajetórias, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis. 2001. 493 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes,1989.